

PERCURSOS DO SILÊNCIO NO ROMANCE LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

Yvonélio Nery Ferreira¹

José Ueslei Lima Dias²

O silêncio tem papel fundamental na comunicação, não somente a palavra, pois os dois são indissociáveis. De uma forma bem minuciosa, o antropólogo e professor David Le Breton, em seu livro *Do Silêncio*, associou o uso do silêncio às culturas de cada grupo, e trouxe uma visão maior sobre o papel importante do silêncio durante uma conversação, que é o de estabelecer a reflexão do que foi dito pelas palavras:

O silêncio é, na verdade, a hipótese do simbólico, provoca uma suspensão que permite agarrar as circunstâncias no seu ritmo próprio, não perder o pé, e a tomar o tempo da reflexão. A arma da linguagem é assim preparada pela tensão do silêncio. (BRETON, 1997, p.73).

Os ruídos manifestados de diversas maneiras nas cidades são o som predominante e se tornam, às vezes, um incômodo para algumas pessoas. Sirenes de viaturas, crianças chorando, carros, motocicletas, interlocutores, produzem sons que dão significado ao ruído, dando também, assim, um sentido para o silêncio – considerado pela maioria dos sujeitos como a ausência do som. Mas na verdade, o silêncio não é ausência do som e nada é completamente mudo, pois o que acontece é uma espécie de convenção social na qual cidade e campo possuem duas vertentes diferentes. De um lado, a cidade é rica em ruídos, do outro, o campo é provido de silêncio.

Deste modo, o silêncio não é a ausência de som e nem mesmo o campo é

¹ Professor Adjunto I com dedicação exclusiva, na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, Cruzeiro do Sul, na área de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa. Doutorado em Literatura (UFSC). Mestre em Teoria Literária (UFU). Especialização em Análise do Discurso (UFU). Graduação em Letras Português/Francês e respectivas literaturas (UFU). E-mail: yvoneryferreira@gmail.com

² Acadêmico do curso Letras Língua Portuguesa do Centro de Educação e Letras da Universidade Federal do Acre. E-mail: uesleilima4@gmail.com

silencioso. A nascente de um rio, o vento, as folhas de uma árvore caindo, são ruídos, mas o que acontece é uma espécie de acepção do que é silencioso ou não. Para as pessoas, o silêncio se manifesta provocando uma sensação de calma e, por isso, associam o campo a um lugar silencioso. Sobre tal aspecto, Le Breton esclarece que:

A percepção do silêncio num lugar não tem a ver com som, com a ausência de manifestações de ruído, mas com o sentido, uma ressonância entre o ser e o mundo, que suscita o recolhimento, a calma, o desaparecimento de toda a distração, de todas as solicitações, é o homem apanhado no espaço. O silêncio é uma das emanações temporais da natureza. (BRETON, 1997, p. 147).

Porém, assim como há aqueles que utilizam do silêncio para acalmarem-se, há aqueles que o repugnam e passam a preferir o barulho a ele, pois encontram no silêncio uma ameaça sobre aquilo que temem. Podemos perceber em nossa volta os mais variados ruídos presentes dentro das casas das pessoas, televisão, rádio, computador, que estão ligados mesmo sem ter ninguém os utilizando; isso porque a sensação de saturação do ser, provocado pelo silêncio, revela uma angústia, marcada por sensações negativas sobre a vida, como ausência, vazio existencial, luto, entre outros sentimentos e estados de espírito.

Conflitando com o silêncio, o barulho mantém uma postura de sinal tangível de existência. É como se o som tivesse o poder de fazer um indivíduo se sentir em um universo hospitaleiro, em que ele passasse a existir. Se pudéssemos mudar um pouco o sentido de uma frase famosa dita pelo filósofo francês René Descartes “Penso, logo existo”, modificaríamos e resultaria em “Ouço, logo existo”. Para tornar essa citação mais clara, vale destacar um exemplo dado no tópico “Esconjuração ruidosa do silêncio”, do livro *Do silêncio*, de Breton, ao apresentar que uma criança, pedindo para a mãe ligar a luz para que assim possa dormir tranquila, se depara com a resposta de que nada vai adiantar, pois ela não conseguirá vê-la da mesma forma de quando está escuro. Nesse momento, a criança já se tranquiliza ao ouvir as palavras vindas da boca de sua mãe, pois é um ruído que traz luz, e traz a sensação de ela não estar sozinha, pois “A palavra pronunciada é uma objecção ao silêncio assustador do ambiente, à inquietante suspensão das referências que deixam antever um local que se esconde

sob os nossos passos” (BRETON, 1997, p. 156).

Suponhamos que esteja acontecendo um incêndio em um prédio de alguma cidade onde não há corpo de bombeiros. As pessoas passarão a viver um momento de tensão, já que percebem que nada mais pode ser feito para salvar os entes queridos que estão naquele prédio, e isso se torna perceptível a partir do instante em que o silêncio se instala e o ruído se esvai. Este silêncio que se instala é “[...] uma imagem da morte, uma força colossal que se prepara para esmagar o homem e provoca a angústia” (BRETON, 1997, p.159). É um momento em que o horror se instala, o tempo para, se tornando mais intenso ainda com o chegar da noite. Noite essa utilizada por diversos poetas para escreverem suas poesias retratando o silêncio de morte, que tem tamanho impacto no interior do homem, a partir do momento em que a noite os faz lembrar desse momento fúnebre.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é identificar formas de silêncio no romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, ancorado em teorias sobre o silêncio, a memória e a identidade.

A metodologia utilizada no desenvolvimento do presente texto será aquela que se apoia na análise dos textos teóricos relacionados na bibliografia. O objetivo é desenvolver um estudo do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, buscando identificar como as vozes e consciências dos personagens ou do narrador se organizam e se entrelaçam a silêncios que emanam e perpassam as relações interpessoais entre os personagens, será norteadada por pressupostos teóricos de David Le Breton, Eni Puccinelli Orlandi, Santiago Kovadloff, entre outros tangíveis ao campo do silêncio.

Leite Derramado, de Chico Buarque, nos traz a história de um centenário carioca, chamado Eulálio Assumpção, em seu leito de morte, em algum hospital ou lugar parecido. A história de sua vida é contada por ele mesmo de forma fragmentada e com acontecimentos desordenados, consequência de sua memória já falha devido à idade. O nome da obra, a partir da leitura, nos lembra o ditado popular “Não chore sobre o leite derramado”, comumente utilizado por pessoas que lamentam por algo que não aconteceu conforme suas expectativas. Eulálio Assumpção é um personagem que em virtude da velhice enfrenta um dos maiores silêncios que permeiam nossa vida, o sentimento de que a vida está chegando ao fim. Além dessa limitação de tempo em

que Eulálio se encontra, também podemos observar fatores históricos, regras sociais e condutas, que silenciaram boa parte de sua vida, e não só a dele, como também a de outros personagens não menos importantes como sua filha, sua esposa, sua mãe, entre outros. Observaremos, então, os percursos do silêncio percorridos pelos personagens dessa narrativa.

Eulálio é um personagem que foi silenciado sob diversos fatores. Sua personalidade é resultado de um repasse de valores e condutas sociais de uma tradição aristocrata. Em sua árvore genealógica há vários antecedentes com nome importante, que trabalharam até mesmo com a família real vinda para o Brasil em 1808, além de senadores e outros cargos socialmente importantes. Desse modo, desvincular-se dessa tradição seria decepcionante para Eulálio, então, se tornar bem sucedido como sua família sempre quis e preservar o nome dela, foi uma tarefa difícil para ele. É por esse motivo que ele narra sua história, conforme suas perspectivas, para vivenciá-la mais uma vez. Enfim, Eulálio pouco teve o que descobrir sobre si mesmo, não definindo sua identidade, vinculando-a ao nome “Assumpção”, já que, nesse período, a valorização do nome acompanhado do sobrenome pela sociedade era visível.

Matilde é um dos personagens mais importantes da obra, se não a mais. A partir dela, podemos perceber o silenciamento de Eulálio em vários momentos. Primeiro, vemos que ele ama veemente sua esposa, mas não pode se entregar de fato a esse amor devido às tradições e condutas estabelecidas por sua família aristocrata. Sua mãe demonstra em diversas passagens do livro que mulheres como Matilde, mulatas e que carecem de bons modos, não são adequadas para casar com seu filho. Permeia o discurso da mãe quanto à cor de Matilde: “Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando asas para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha [...]” (BUARQUE, 2009, p. 20). A partir disso, Eulálio, mesmo amando Matilde, não se entrega ao seu gosto por ela, ocultando-o e silenciando seu desejo, prevalecendo a voz da tradição:

Chegado o dia, vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda. Eu já lhe havia sugerido que guardasse aquele luxo para o mês seguinte, na despedida do francês, quando poderíamos subir a bordo para um vinho de honra.

Mas ela estava tão ansiosa que se aprontou antes de mim, ficou na porta me esperando em pé. Parecia empinada na ponta dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruge demais. E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. (BUARQUE, 2009, p. 11-12).

Além disso, Matilde é responsável, indiretamente, por silenciar a vida amorosa de Eulálio a partir do momento em que ela abandona ele e sua filha, deixando-o desestruturado e sem entender por qual motivo ela foi embora. Nesse momento ele passa a reavaliar certas atitudes que havia tomado em relação à sua esposa e julga-se culpado, de certa forma, por esse acontecimento. Com isso, compreendemos que o narrador personagem já não se sentiu mais livre para viver um outro relacionamento à esperança de que Matilde retornaria, pois, “algum dia ele haveria de topa com ela, mesmo que se passassem anos, mesmo aos beijos com outro.” (BUARQUE, 2009, p. 164). E, mediante a narração de sua história, observamos que outra paixão realmente não existiu, pois não foi mencionado por Eulálio.

A mãe de Eulálio, embora pouco comentada pelo narrador personagem, também representa uma personagem fortemente silenciada. A morte de Auguste ocasiona a sua própria morte, pois essa, inundada na tristeza e solidão, se tornara uma morta viva emudecida. Nesse sentido, cito um trecho da obra em que Eulálio comenta a respeito do momento em que ela se encontrava após a morte de Auguste:

Quando Auguste morreu na cama dela, usando um pijama com o monograma do meu pai, mamãe enviuvou de novo, de um luto mais profundo que o primeiro. E agora já não falava língua alguma, não se locomovia, nem sequer chorava, me enternecia assisti-la assim, com sua tristeza enfim cristalizada. (BUARQUE, 2009, p. 81)

A dor que se observa após a perda de um ente querido provoca um fechamento perante a vida, transmitindo tristeza, gestos lentos e um mutismo que se instaura. No momento do luto, a pessoa perde um pouco da essência e do desejo de viver socialmente, e chega a se fechar perante as outras pessoas, pois não consegue interagir e, por vezes, pronunciar qualquer palavra. A mãe de Eulálio passou a não pronunciar mais nenhuma palavra, e também a ver mutismo em tudo que se encontrava ao seu redor, por exemplo quando toca piano sem emitir nenhum som. Isso acontece porque

aquele sentimento é tão forte e doloroso que não se encontra um vocabulário específico para expressar aquilo que se sente, chegando ao ponto do indizível. O que foi dito é confirmado por David Le Breton em seu livro “Do Silêncio”, quando o filósofo afirma que “O desânimo, reduzido ao silêncio, provoca um afastamento das atividades normais da existência, a começar pela fala [...]. A dor já não consegue encontrar as palavras capazes de a descreverem. Transforma a linguagem em impotência.” (BRETON, 1997 p. 236).

Outro exemplo de personagem importante para esta análise é a filha de Eulálio com Matilde, Maria Eulália, silenciada por ambos. Matilde a abandona, tirando dela o direito de ter uma mãe presente em sua vida, como relembra Eulálio: “por culpa dessa mãe [...], minha filha diz que cresceu sem amigas, levando trotes no telefone [...], e que todo mundo na rua fugia dela, porque a mãe tinha se enforcado num leprosário”. (BUARQUE, p. 192-3). Por sua vez, Eulálio, embora presente em todos os momentos, retira o direito de Maria Eulália saber o verdadeiro paradeiro de sua mãe, que nem mesmo Eulálio deveras sabia, contando várias histórias que se embaralham no decorrer da narração, como expresso nos excertos abaixo:

Por isso num primeiro momento, cheguei a pensar que sua mãe estava de barriga quando fugiu. Sim, Matilde grávida talvez não a levasse mesmo, por já levar na barriga a criança de um homem que a arrastou de mim. (BUARQUE, 2009, p. 95).

[...] morar na casa onde mamãe morreu. Para mim era sempre um choque ouvi-la falar assim embora eu tenha inventado que sua mãe morreu em nosso leito ao dar a vida. (BUARQUE, 2009, p. 121).

Então tomei suas mãos, olhei-a nos olhos e lhe confessei que Matilde havia realmente abandonado o lar, quando ela nem bem engatinhava. Mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio- Petrópolis, e já era tempo de deixarmos sua alma descansar em paz. (BUARQUE, 2009, p. 123).

Eulálio, em certo momento de sua narração, comenta acerca de um assunto perceptível pela maioria das pessoas que convivem com algum idoso: “As pessoas já não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido numa espécie de país estrangeiro” (BUARQUE,

2009, p. 78). As pessoas idosas acabam por serem reduzidas ao silêncio devido a esta indiferença, a de não serem escutados por alguém porque descredita em suas palavras por associarem a “verborragia” à idade. Desse modo, sentem-se em um monólogo desprovido de sentido, pois não há um interlocutor que o acompanhe, e quando há, age fingindo escutá-lo, assim como percebemos nas pessoas para qual Eulálio conta sua história. É uma espécie de país estrangeiro, pois não há uma pessoa que fale a mesma língua, provida de sentido.

Merece destaque, ainda neste mesmo viés, o desejo de Eulálio contar sua história sem ser interrompido e querer a atenção das pessoas à cada palavra dita. Isso acontece pelo fato dele saber que sua hora final está chegando, e por esse motivo todas as palavras ditas são extremamente importantes, pois “na consciência da precariedade da situação e no sentimento de que cada palavra dita, cada movimento, é essencial por estar, talvez, destinado a nunca mais ser repetido.” (BRETON, 1997 p.239). Dessa forma, Eulálio é exemplo de uma grande parcela de idosos do mundo que sentem o desejo propulsor de narrar sua história, como maneira de reviver tudo e também deixar registrado sua passagem pela terra, mesmo que não seja escrevendo, assim como o narrador personagem preferiu, mas também por meio das narrações orais, passadas de pai para filho e assim sucessivamente.

Sendo assim, percebemos o quão importante são as palavras para Eulálio Assumpção, e que narrar uma história, para aqueles que estão chegando ao fim da vida, é uma tentativa de driblar a morte que tenta silenciá-lo. Uma pessoa centenária tem consciência de que cedo ou tarde, a qualquer instante, a morte pode chegar e levar suas projeções de futuro e o sentimento de imortalidade que cada homem leva consigo, embora saiba que não é possível. Porém, Eulálio não se entrega ao mutismo a qual a maioria das pessoas se submetem ao saberem que seu tempo está acabando e usa como ferramenta de batalha a sua história a ser contada, vencendo a morte: “Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência.” (BUARQUE, 2009, p. 184).

Em *Leite Derramado*, Chico Buarque nos propicia o encontro de várias formas de silêncio, mesmo involuntariamente. Isso comprova a ideia de que o silêncio se faz

presente em todos os momentos da nossa vida, desde a pausa na fala até a morte, como foi o caso do personagem protagonista desse romance contemporâneo.

Desse modo, observamos que na contemporaneidade o silêncio está cada vez mais despercebido e desvalorizado pelas pessoas. Para muitos, ele é visto apenas como a ausência de som e/ou ruídos, não contemplando suas múltiplas faces essenciais para o entendimento sobre si. Por consequência disso, o ser humano se torna solitário, angustiado e ansioso, comprometendo sua vida social e a de outras pessoas que convive.

O narrador utilizado por Chico Buarque consegue, por meio da memória esfacelada de Eulálio, fazer uma reconstrução da história do personagem trazendo momentos do passado importantes para esta análise. A história e tradições de seus antepassados, por exemplo, relatados pelo protagonista, foram primordiais para compreendermos que as causas de seus silenciamentos, são em maior parte, resultados de valores e regras sociais repassados por sua família. Além disso, o uso da reconstrução de sua história é uma tentativa de Eulálio descobrir sua identidade até então desconhecida por si mesmo.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LE BRETON, David. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PERCURSOS DO SILÊNCIO NO ROMANCE LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

Resumo: Na contemporaneidade, o silêncio torna-se praticamente um vestígio de algo responsável pelo aparecimento da interioridade dos seres que, ao estarem imersos nos sons do mundo moderno, se afastam da possibilidade de reflexão sobre a própria existência. Percebo o ambiente das narrativas contemporâneas enquanto representação do real particularizado pela instabilidade das relações interpessoais, quase sempre incompletas. O mal-estar causado por esse ambiente acaba por avultar o fato de o silêncio ser uma possibilidade de o indivíduo resgatar o valor da palavra, perdido em meio ao caos cotidiano. Para tanto, pretendo identificar, a partir da leitura do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, o modo como as vozes e as consciências dos personagens ou do narrador se organizam e se entrelaçam a silêncios presentes na obra. Além disso, será fundamental compreender os valores socioculturais e ideológicos dessas vozes sobrevividas dos silêncios. Para isso, será imprescindível a utilização de teorias relativas ao campo do silêncio, da memória e da identidade.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, memória, narrativa.

PATHWAYS OF SILENCE IN THE ROMANCE LEITE DERRAMADO, OF CHICO BUARQUE

Abstract: In contemporary times, the silence becomes almost a trace of something responsible for the emergence of the interiority of the beings that, while being immersed in the sounds of the modern world, turn away from the possibility of reflection on one's own existence. I realize the environment of the narratives of contemporary while representation of the real specified by instability of interpersonal relationships, almost always incomplete. The malaise caused by this environment ends up avultar the fact of the silence be a possibility for the individual to redeem the value of the word, lost in the midst of chaos every day. For both, I intend to identify, from the reading of the novel, Leite Derramado, Chico Buarque, the way the voices and consciences of the characters or of the narrator organise and entwine the silences present in the work. In addition, it will be essential to understand the sociocultural values and ideological of these voices that arise of silence. For this, it will be essential to use theories relating to the field of silence, memory and identity. **Keywords:** Contemporary Brazilian literature, memory, narrative.

RUTAS DEL SILENCIO EN LA NOVEL LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

Resumen: En la contemporaneidad, el silencio se convierte en prácticamente un vestigio de algo responsable por la aparición de la interioridad de los seres que, al estar inmersos en los sonidos del mundo moderno, se alejan de la posibilidad de reflexión sobre la propia existencia. Me doy cuenta de que el ambiente de las narrativas contemporáneas, como representación de lo real individualizado por la inestabilidad de las relaciones interpersonales, casi siempre incompletas. El malestar causado por este medio ambiente acaba por abultar el hecho de que el silencio sea una posibilidad de que el individuo rescatar el valor de la palabra, perdido en medio del caos cotidiano. Para tanto, tengo la intención de identificar, a partir de la lectura de la novela Leite Derramado, de Chico Buarque, el modo como las voces y las consciencias de los personajes o del narrador se organizan y se entrelazan a los silencios presentes en la obra. Además, será fundamental comprender los valores socioculturales e ideológicos de esas voces sobrevenido de los silencios. Para eso, será imprescindible la utilización de teorías sobre el campo del silencio, de la memoria y de la identidad. **Palabras clave:** literatura contemporánea, la memoria, la narrativa brasileña.

Submetido em março de 2017
Aprovado em abril de 2017